



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**Campus de Sorocaba**

**Pro  
Grad** | Departamento de  
Ensino de Graduação  
de Sorocaba

**Centro de Ciências Humanas e Biológicas**  
**Departamento de Geografia, Turismo e Humanidades**  
**Curso de Licenciatura em Geografia**

**ESPAÇO GEOGRÁFICO DO POVO WAUJA NO PARQUE INDÍGENA DO XINGU**

Kuhupi Waura

Sorocaba- SP

2024

Kuhupi Waura

## **ESPAÇO GEOGRÁFICO DO POVO WAUJA NO PARQUE INDÍGENA DO XINGU**

Trabalho de conclusão de curso apresentado na Universidade Federal de São Carlos, para conclusão do curso de graduação licenciatura em Geografia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Neusa de Fatima Mariano

Sorocaba- SP

2024

Waura, Kuhupi

Espaço geográfico do povo wauja no parque indígena do xingu / Kuhupi Waura -- 2024.  
33f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,  
campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Neusa de Fatima Mariano

Banca Examinadora: Fátima conceição marquez piña-  
Rodrigues, Geraldo Tadeu Souza

Bibliografia

1. Wauja . 2. Xingu . 3. Território. I. Waura, Kuhupi. II.  
Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática  
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -  
CRB/8 6979

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço primeiramente, a toda minha família que sempre esteve do meu lado de qualquer forma, mesmo está longe deles, sempre estiverem comigo na minha jornada da vida acadêmica. Agradeço imensamente a minha mãe Arupo, e meu pai Tirawa, que são as duas pessoas que sempre me incentivaram, a não desistir do meu sonho, que também é sonho deles, sempre acreditaram em mim à essa jornada. Agradeço também imensamente ao Claudio, Maria Luiza, Mariana, Uira, que me acolheram quando vim fazer a prova em São Paulo, são uma família muito acolhedor, que diante a essa gratidão os considera como minhas famílias, sempre ajudaram, me apoiaram, fico muito agradecido, sem essas pessoas maravilhosas eu não teria chegado tão longe.

Agradeço também, a querida professora Neusa de Fatima Mariano, que foi a minha orientadora, que confiou em mim desde o começo e também mim ajudou muito durante esse trajeto dentro da faculdade, também agradecer aos demais professores da UFSCar especialmente aos professores de Licenciatura em Geografia, que compartilharam comigo os seus conhecimentos e mim guiaram até o fim dessa jornada. Agradeço também, aos colegas da universidade, que juntos compartilhamos as mesmas salas e trocamos conhecimento durante curso e também, agradecer os meus amigos que se tornaram uma grande família, apoiando uma as outras até o final da minha jornada acadêmica dentro universidade. Agradecer a minha companheira Glediane Figueira Dias, que compartilhou uma vida comigo, que sempre esteve do meu lado mim apoiando, durante a minha graduação.

Por fim, queria deixar os meus agradecimentos para participante da banca examinadora, Prof. Dra. Fátima Conceição Marques Pinã Rodrigues, que mim apoio, ajudou, acolheu e mim deu forças para chegar até aqui, isto é, foi uma pessoa incrível que mim estendeu a sua mão para caminhar e vencer os obstáculos que encontrei dentro da faculdade, também agradecer Prof. Dr. Geraldo Tadeu Souza, por ter aceitado estar aqui e que é uma honra compartilhar o meu trabalho com vocês. E dizer que chegar até aqui, foi um caminho de muito aprendizado, enfrentar os desafios fazem parte da vida e deixo o meu agradecimento para todos (as) que fizeram parte dessa jornada.

## RESUMO

A pesquisa teve como objetivo registrar a memória do povo Wauja, focando em sua luta pela conquista e preservação de seu território, situado no Parque do Xingu. Para isso, foi realizada uma entrevista com membros da comunidade, que compartilharam suas histórias e desafios ao longo dessa trajetória. A luta do povo Wauja é parte de uma batalha mais ampla que envolve todos os povos indígenas, que continuam resistindo contra as ameaças das empresas que buscam explorar suas terras, os desmatamentos, a contaminação ambiental, e as leis que visam enfraquecer ou acabar com seus direitos das terras indígenas. O esforço pela defesa do território e da cultura indígena segue vivo e necessário, para enfrentar os ataques, e das crescentes violências que esses povos enfrentam pelas garantias de suas terras, onde podem viver, e cultivar seus alimentos.

**Palavras-chave:** Wauja; Xingu; Território; Terras indígenas; memória.

## **ABSTRACT**

The research aimed to record the memory of the Wauja people, focusing on their struggle to conquer and preserve their territory, located in the Xingu Park. To this end, an interview was conducted with members of the community, who shared their stories and challenges throughout this journey. The struggle of the Wauja people is part of a broader battle that involves all indigenous peoples, who continue to resist the threats of companies that seek to exploit their lands, deforestation, environmental contamination, and laws that aim to weaken or eliminate their rights to indigenous lands. The effort to defend indigenous territory and culture remains alive and necessary, to confront the attacks and increasing violence that these peoples face to guarantee their lands, where they can live and grow their food.

**Keywords:** Wauja; Xingu; Territory; Indigenous lands; memory.

## LISTA DE FIGURA

<b>Figura 1- Os irmãos Cláudio, Leonardo e Orlando Villas Bôas. ....</b>	<b>14</b>
<b>Figura 2- Mapa original do Parque Indígena do Xingu .....</b>	<b>15</b>
<b>Figura 3- Bacia do Rio Xingu .....</b>	<b>17</b>
<b>Figura 4- Mapa do Parque Indígena do Xingu .....</b>	<b>19</b>
<b>Figura 5- Mapa das aldeias dos Wauja.....</b>	<b>21</b>
<b>Figura 6- Território Wauja.....</b>	<b>23</b>
<b>Figura 7- Aldeia Piyulaga .....</b>	<b>24</b>
<b>Figura 8- Mapa Território Wauja.....</b>	<b>25</b>
<b>Figura 9- Manifestação em Brasília .....</b>	<b>28</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1 .....</b>	<b>12</b>
<b>REGISTRO DAS MEMORIAS HISTORICAS DA CRIAÇÃO DO PARQUE INDIGENA DO XINGU (PIX) (Terra indígena do Xingu) .....</b>	<b>13</b>
<b>1.1 Parque indígena do Xingu .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 2 .....</b>	<b>20</b>
<b>A IMPORTANCIA DA PRESERVAÇÃO DAS MEMORIAS NO TERRITORIO DO POVO WAUJA.....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<b>2.1 Território Wauja .....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<b>2.2 História dos territórios Wauja.....</b>	<b>23</b>
<b>CAPITULO 3 .....</b>	<b>27</b>
<b>LUTAS E RESISTENCIAS DOS POVOS INDÍGENAS PELA DEMARCAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS .....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<b>CONSIDERAÇÃO FINAL.....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA .....</b>	<b>31</b>

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho de pesquisa de conclusão de curso da Universidade Federal de São Carlos- UFSCar, apresentaremos sobre o histórico, espaços geográficos do povo Wauja, pertencente da família linguística Aruak, residente da aldeia Piyulaga; fica localizado na região Terra indígena do Xingu, no município de Gaúcha do Norte, ao Norte do Estado de Mato Grosso-MT.

O território do povo Wauja abrange uma parte da região do Parque Indígena do Xingu. Os Wauja já habitavam essa região, antes mesmo do contato com não indígenas. Essa região é muito importante para os Wauja, porque marca onde viviam antigamente. Atualmente, os povos Kamayurá estão morando nessa região, onde eram as antigas aldeias do povo Wauja.

Os Wauja tinham várias aldeias nessa região do Xingu. Em 1889, foi quando o etnólogo alemão Karl Von Steiner, na sua primeira expedição no Xingu, teve contato com os Wauja, na região da Bacia do rio Xingu, no Rio Batovi, onde eram as antigas aldeias dos Wauja. Atualmente os Wauja estão morando na aldeia Piyulaga, que fica perto da lagoa Piyulaga, na margem do Rio Batovi.

Os Wauja conhecem muito bem esse espaço geográfico onde moravam antigamente. Onde buscavam os materiais para a construção de casas, e todos os materiais para utilização cotidiana, onde buscavam alimentação para os sustentos das famílias, e a população da aldeia, plantavam seus próprios alimentos, e demais necessidades. Nesses espaços e territórios tem muitas histórias sagradas deixadas por antepassados. Isso traz uma memória muito importante para os Wauja, porque isso mostra a cultura tradicional dos ancestrais que ali viviam.

Atualmente os Wauja se dividem em quatro aldeias, Piyulaga é aldeia principal do Wauja antes de abrirem as outras aldeias em outras regiões do Xingu. Existem as outras pequenas que foram construindo por familiares, que é importante fazer registros dessas aldeias pequenas, porque, onde estão localizados está dentro do território Wauja. É importante destacar a importância da construção dessas aldeias. Os Waujas estão retomando cada vez mais, as antigas aldeias dos Wauja.

Diante de todas as problemáticas que está acontecendo com as terras indígenas no Brasil. É muito triste pensarmos isso, como o capitalismo tem ambição de querer tomar as terras indígenas, e usufruir dos recursos naturais da natureza.

Uns dos maiores problemas da terra indígenas do Xingu, é o avanço do agronegócio ao redor. Não podemos deixar de mencionar do desmatamento das florestas, e extração da madeira pelos fazendeiros dentro das terras indígenas.

A pesquisa, é de extrema importância para os registros dos antigos territórios do povo Wauja. Os registros podem servir como uma base de reivindicação dos direitos territoriais legais, e servir como documento para que os Wauja sejam reconhecidos como dono daquele território, onde já habitavam há muito tempo. E também para proteger dos invasores, que atualmente é um dos problemas que mais existe nos territórios indígenas, principalmente nas terras indígenas do Xingu, que fica exatamente no meio de tantas as agropecuárias, cercados por fazendas, e plantações de soja, e outros.

Portanto, esse registro servirá como proteção do território, e garantir as subsistências dos povos Wauja, e outras etnias ali existentes. Assegurando que os seus territórios sejam respeitados e protegidos, contra quaisquer ataques, e também pode servir como uma das fontes para os pesquisadores, que tem interesse em estudar sobre os povos indígenas, e suas culturas.

A importância do registro histórico do território Wauja, estende-se que não só fazer os registros das histórias, isso vai além da simples preservação de narrativas e tradições de uma comunidade indígena do povo Wauja, que está situado dentro da terra indígena do Xingu, e no território Wauja é uma das terras que tem bastante biodiversidade da natureza e saberes ancestrais que, ao longo dos séculos, moldaram a vida e a cultura do povo Wauja.

O reconhecimento e a documentação de sua história são fundamentais para a proteção dos direitos territoriais dos Wauja, especialmente em um contexto marcado por ameaças externas, como a exploração econômica e a degradação ambiental. Além disso, esse registro oferece uma oportunidade valiosa de aprendizado sobre práticas sustentáveis e a relação mais próximas que os Wauja mantêm com a natureza. Para compreender a riqueza, cultural e histórica dessa comunidade, podemos promover o respeito e a

valorização da diversidade étnica, contribuindo para um diálogo mais amplo entre diferentes culturas e para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Portanto, essa pesquisa, tem por motivo estudar sobre as memórias históricas dos lugares onde o Wauja vivia antigamente. Fazer o registro dessas memórias, será muito importante para o povo, porque podem ser reconhecidos os territórios e as antigas aldeias dos Wauja dentro do território indígena do Xingu.

Esta pesquisa não só tem a finalidade de fazer os registros históricos do território do povo Wauja, mas sim trazer, e levar isso para que as pessoas possam enxergar, o quão é importante preservar aquele território. Em meios de tantos ataques as terras indígenas no Brasil, fazer esses registros, pode servir como uma fonte que pode fazer reconhecer os territórios dos povos indígenas.

Nesta pesquisa, vamos discutir sobre as lutas povos indígenas pelas garantias dos direitos das demarcações das terras indígenas no Brasil. A importância das garantias dessas para os povos indígenas que dependem dessas terras, como tirar seus alimentos da natureza, e também para mostrar que as terras indígenas é uma das biodiversidades que abriga, e preserva as faunas e as floras.

A pesquisa foi desenvolvida, através de pesquisas bibliográficas de artigos, e uma entrevista como ancião da aldeia, a entrevista foi realizado de forma online, via meet, foi gravado com autorização do entrevistado. Não tive muito tempo para fazer muitas entrevistas, por conta da distância do local da pesquisa, o custo da viagem é muito alto. Tinha uma possibilidade de fazer online, mas, por conta do acesso à internet, não consegui fazer as entrevistas, só tinha uma oportunidade, que fiz a entrevista com ancião da aldeia Piyulaga do povo Wauja, que contou sobre as histórias do povo Wauja, e seus territórios antigos, as aldeias antigas, de onde começou tudo.

A pesquisa está estruturada em 3 capítulos, o primeiro capítulo, será apresentado uma introdução sobre o surgimento do Parque Indígena do Xingu, e suas histórias, que na época, quando os colonizadores vêm invadindo as terras, construindo vários postos na região do Xingu, que atualmente é umas sedes que faz monitoramento na região do Xingu. Um desses postos, que atualmente é Polo Leonardo, que os irmãos Villas Boas criaram como base, onde eles estarão fazendo os contatos com os indígenas das outras regiões,

quando fizeram contato com os indígenas na região do Xingu. Desde então os três irmãos tiveram a ideia de fazer os contatos com os indígenas, e proteger as suas terras, culturas, e as biodiversidades da natureza.

No segundo capítulo, trataremos das antigas histórias do território dos povos Wauja, antes do contato com os não indígenas, e na atualidade. Nas histórias contadas pelos anciãos, que antigamente os povos Wauja viviam tranquilamente em seus territórios, não tinham as preocupações de que tinham que se defender dos invasores nos seus territórios onde viviam. Neste segundo capítulo serão apresentadas as histórias antigas sobre os territórios do Wauja no passado, quando os Wauja não tinham contato com os não indígenas. A história conta exatamente como os Wauja delimitavam seus territórios, onde eram as primeiras aldeias dos Wauja, e todos os lugares que os Wauja já moraram.

No terceiro capítulo, apresentaremos sobre as lutas e a resistências dos povos indígenas no Brasil sobre os territórios indígenas, as suas lutas pelas garantias dos direitos territoriais. A luta dos povos indígenas começou no século XVI, desde a chegada dos primeiros colonizadores na terra, que hoje em dia é chamado de Brasil. Desde então, as lutas em defesa de manter as suas culturas, territórios e povos permanece viva, com grandes superações e desafios a cada ano, é uma luta muito grande que não tem fim, e é enfrentada pelos indígenas a cada dia. Como já mencionado, entre as principais ameaças que mantém a necessidade das lutas dos povos indígenas no Brasil, estão o garimpo ilegal, a tese do marco temporal, o preconceito e a violência, que os indígenas sofrem diariamente em qualquer espaço. Neste capítulo será apresentado em contexto de forma geral, a demarcação de terras indígenas no Brasil, que é um processo fundamental para a preservação da cultura, da biodiversidade e dos modos de vida ancestrais desses povos indígenas.

Desta forma, vamos entender a importância da preservação e registro das memórias ancestrais sobre os territórios Wauja, a importância das lutas e resistências dos povos para a garantia dos seus direitos territoriais para as futuras gerações. Preservar as terras indígenas também garante a preservação da biodiversidade.

## **CAPÍTULO 1**

### **REGISTRO DAS MEMÓRIAS HISTÓRICAS DA CRIAÇÃO DO PARQUE INDÍGENA DO XINGU (PIX) (Terra indígena do Xingu)**

#### **1.1 Parque indígena do Xingu**

Parque Indígena do Xingu foi criado 1961 no governo de Jânio Quadros, fica localizado na região nordeste do estado de Mato Grosso, tem aproximadamente 2.642.0003 hectares, abriga 16 etnias diferentes: Yawalapiti, Kamaiura, Aweti, Mehinako, Kalapalo, Waura, Kuikuro, Matipu, Nafukua, Ikpeng, Kisedje (Suia), Kawaiwete (Kayabi), Tapayuna, Trumai, Naruvoto, Yudja (Juruna). Esses povos representam uma variedade das línguas, e costumes, modo de viver, as culturas são diferentes.

O Parque Indígena do Xingu, está dividido em três partes: Alto Xingu, Médio Xingu, Baixo Xingu. Cada parte do território Xingu habita diferentes povos, com diferentes culturas, no alto Xingu, as culturas são semelhantes, apesar de falarem as línguas<sup>1</sup> diferentes, cada povo tem uma visão de mundo de vida semelhante por estarem fazendo algumas redes de trocas há muito tempo, como participação de rituais entre as etnias. Mas cada povo faz questão de cultivar as próprias culturas, e identidades étnicas diferentes.

A criação do Parque Indígena do Xingu, tem como objetivo preservar o meio ambiente, e os povos indígenas. A área fica localizada no centro geográfico do País, está entre as grandes biodiversidades, com a região Mata-Atlânticas Biomas de Cerrados e Amazônia, associa-se às socio biodiversidades.

A Expedição Roncador Xingu, faz parte da Campanha da Marcha para o Oeste, portanto, se enquadra dentro de um grande processo de expansão territorial proposto por Getúlio Vargas no período do Estado Novo. Portanto, faz parte do movimento de espoliação e invasão das terras indígenas a partir de seu uso simbólico como integrante da nacionalidade brasileira.

---

<sup>1</sup> Línguas: Kamaiurá e Kaiabi (família Tupi-Guarani, tronco linguístico Tupi); Yudja (família Juruna, tronco linguístico Tupi); Aweti, tronco linguístico Tupi); Mehinako, Wauja e Yawalapiti (família Aruak, tronco linguístico Aruak); Kalapalo, Ikpeng, Kuikuro, Matipu, Nafukua e Naruvotu (família Karib); Kisedje e Tapayuna (famílias Jê, tronco linguístico Macro-Jê); Trumai (língua Isolada). (ISA-Instituto Socioambiental, 2002)

Durante a expedição do Roncador Xingu, os Irmãos Villas-Bôas, disfarçaram como sertanejos, e analfabetos, porque, para eles serem aceitos a fazer parte das expedições do Roncador Xingu, que originalmente, que a ideia originalmente abrir as pistas de pousos, e bases militares. Na medida que eles iam avançando no território Xingu, especificamente no território Xavantes, os três irmãos Vilas Boas demonstravam os seus interesses em povos indígenas daquela região, a partir dali eles passaram a comandar as expedições. No Xingu fizeram os primeiros contatos com os povos os Kalapalo, e os Kuikuro, e Kamayura.

**Figura 1- Os irmãos Cláudio, Leonardo e Orlando Villas Bôas.**



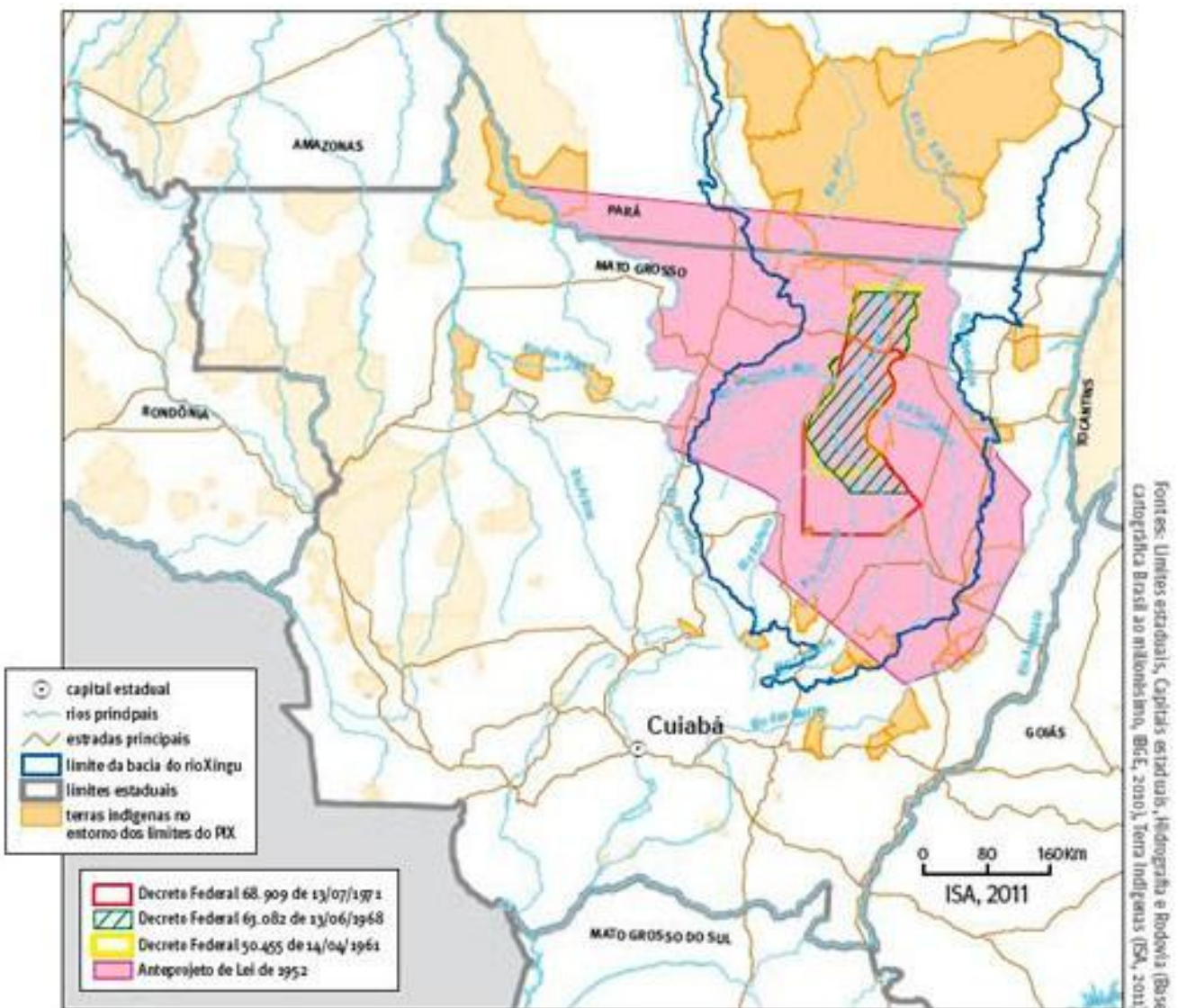
Fonte: jesco von puttkamer/acervo puc goiás/igpa

Desde que os irmãos Villas Boas começaram sua expedição da Marcha do Oeste, a ideia deles é fazer contatos com os indígenas na região da Bacia do Rio Xingu. Quando fizeram os primeiros contatos com os indígenas isolados, foi em 1948 foram com as etnias

Juruna, que migraram na região do Xingu, fugindo dos colonos. Depois disso, os irmãos Villas Boas, foram fazendo vários contatos com os indígenas da região do Xingu.

A criação do Parque Indígena do Xingu foi idealizada pelos três irmãos Villas Boas, quando fizeram suas primeiras expedições do Roncador Xingu. Quando chegaram naquela região, fizeram vários contatos com os indígenas daquela região, foram bem recebidos. . Ali começou a ideia de demarcar as terras indígenas que originalmente se chamava Parque Indígena do Xingu, atualmente é denominado como Terra Indígena do Xingu.

**Figura 2- Mapa original do Parque Indígena do Xingu**



Fonte: Almanaque Socioambiental Parque Indígena do Xingu 50 anos. Limites estaduais, Capitais estaduais, Hidrografia e Rodovia (Base cartográfica Brasil ao milionésimo, IBGE, 2010), Terra Indígenas (ISA, 2011)

A preservação do meio ambiente nas terras indígenas é de extrema importância por diversos motivos, que envolvem aspectos ambientais, culturais, sociais e econômicos. As terras indígenas muitas vezes abrigam os ecossistemas ricos em biodiversidade, com uma variedade de espécies de plantas e animais. A preservação dessas áreas contribui para a manutenção da diversidade genética e ecossistêmica, o que é crucial para a saúde do planeta.

Para o povo Wauja, e entre as outras etnias que vivem na região do Parque Indígena do Xingu, as culturas e os conhecimentos tradicionais da natureza têm uma relação íntima com a natureza e possuem conhecimentos tradicionais valiosos sobre plantas medicinais, animais que servem de alimentos a comunidades, e outros ecossistemas do meio ambiente. A preservação do meio ambiente nessas terras ajuda a proteger esses conhecimentos, que desempenham um papel muito importante na preservação do meio ambiente, usando os métodos de práticas sustentáveis para não prejudicar a natureza.

As práticas de manejo tradicionais adotadas pelas comunidades indígenas no Parque Indígena do Xingu, muitas vezes são sustentáveis e respeitam os limites ecológicos. A preservação dessas práticas contribui para o equilíbrio ambiental, evitando a degradação do solo, a perda de habitats e a escassez de recursos naturais.

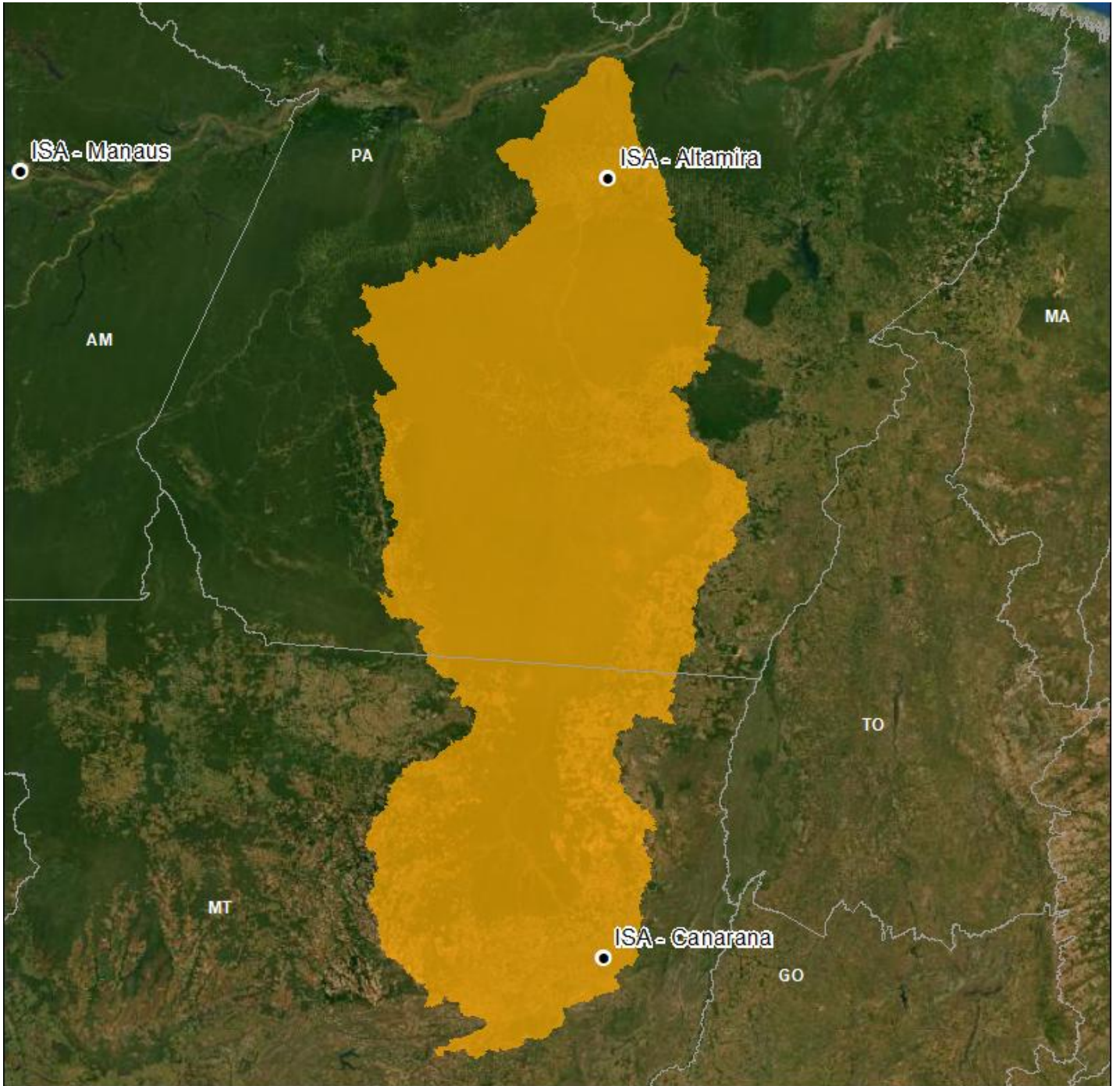
Vale ressaltar que as preservações dessas florestas que estão presentes no Parque indígena do Xingu, e como as outras terras indígenas, têm um papel muito importante na regulação do clima global, absorvendo dióxido de carbono e contribuindo para a estabilidade do clima. A destruição dessas áreas pode resultar em impactos negativos significativos nas mudanças climáticas.

As comunidades indígenas do Xingu dependem diretamente dos recursos naturais das florestas para a suas subsistências. Nelas os indígenas retiram os remédios, e as matérias que atendem as necessidades das comunidades no cotidiano. Por isso preservar o meio ambiente nessas terras é de extrema importância assim pode garantir a continuidade dessas fontes de subsistência das comunidades indígenas que vivem naquelas regiões, incluindo as pescas, caças, e a agricultura tradicional.

A preservação do meio ambiente em terras indígenas está diretamente ligada ao respeito aos direitos territoriais e culturais das comunidades indígenas. O reconhecimento e a proteção desses direitos são essenciais para promover a justiça social e garantir que as comunidades possam continuar a viver de acordo com suas tradições. As comunidades

indígenas têm muito respeito pelas florestas, porque já faz parte da vida cotidiana, todas as culturas e tradições dos povos indígenas, surgiram da natureza desde as existências dos antepassados, quando ainda não tinham contado com os não indígenas

**Figura 3- Bacia do Rio Xingu**



Fonte: Instituto Socioambiental- ISA, 2020.

A proteção do meio ambiente é de extrema importância, porque onde os indígenas tiram os materiais para construir suas casas, e buscar seus alimentos, como caça, pesca e plantações.

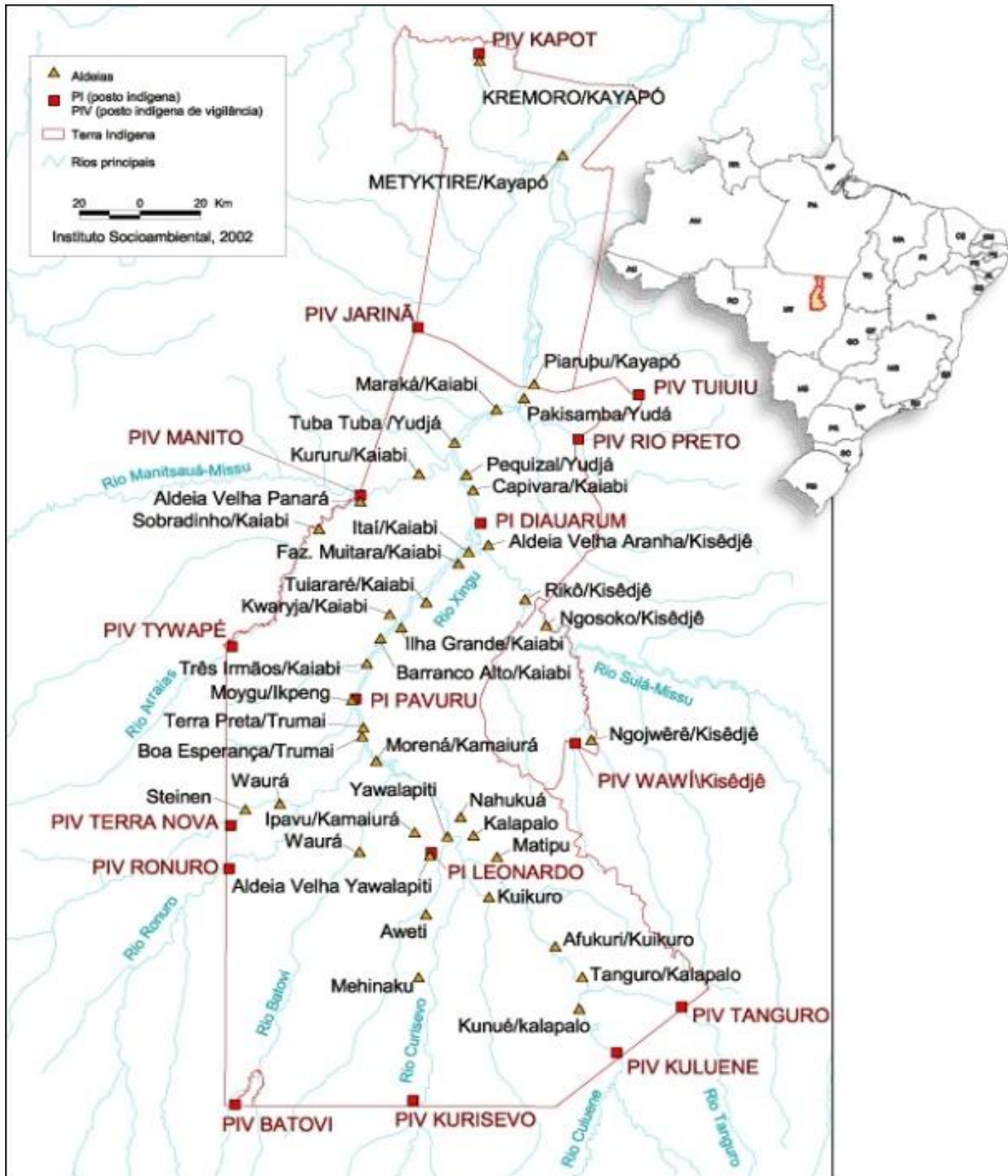
Com base na pesquisa do ISA (Instituto sócio ambiental), a Bacia do Rio Xingu é uma das regiões que faz parte da proteção das florestas do Xingu. A bacia do Rio Xingu começa nos estados do Pará e passando pelo estado de Mato Grosso, onde fica localizado a Terra indígena do Xingu, que representa a diversidade dos povos indígenas e socioambiental brasileira, e todas as diversidades que existem naquela região, como as florestas e rios que nascem no Cerrado e desembocam na floresta Amazônica, e no território das terras indígenas (Parque indígena do Xingu), que está localizada no centro do território brasileiro.

A diversidade socioambiental do Parque indígena do Xingu abriga grande parte da diversidade dentro de um corredor de áreas protegidas (terras indígenas e unidades de conservação) que representa 50% da área da Bacia do Xingu. Essas áreas protegidas e suas florestas, conectadas entre si, abrigam uma das mais ricas biodiversidades do planeta e 26 povos indígenas e populações ribeirinhas.

Atualmente o Parque Indígena do Xingu é palco de conflito das terras indígenas entre as autoridades, e os fazendeiros, modos de vida capitalistas, e os modelos econômico que envolvem as atividades ilegais dentro das terras indígenas que envolvem desmatamento, queimadas, uso intensivo de agrotóxicos, garimpo, exploração ilegal de madeira, grilagem de terras, construção de hidrelétricas, ferrovias e estradas.

As florestas, rios e povos do Xingu são o escudo contra a devastação que avança Brasil adentro. Na bacia estão localizados os municípios e terras indígenas com as maiores taxas de desmatamento dos últimos 10 anos na Amazônia Legal. As nascentes do rio Xingu já perderam mais de 40% de sua cobertura florestal. Apesar disso, a diversidade socioambiental e a incrível resiliência dos povos do Xingu representam uma oportunidade concreta de pactuação de um novo modelo de desenvolvimento e de relacionamento com a floresta e seus povos.

Figura 22- Mapa do Parque Indígena do Xingu



Fonte: Instituto Socioambiental/ISA, 2002

## **CAPÍTULO 2**

### **A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO DAS MEMÓRIAS NO TERRITÓRIO DO POVO WAUJA**

#### **2.1 Território Wauja**

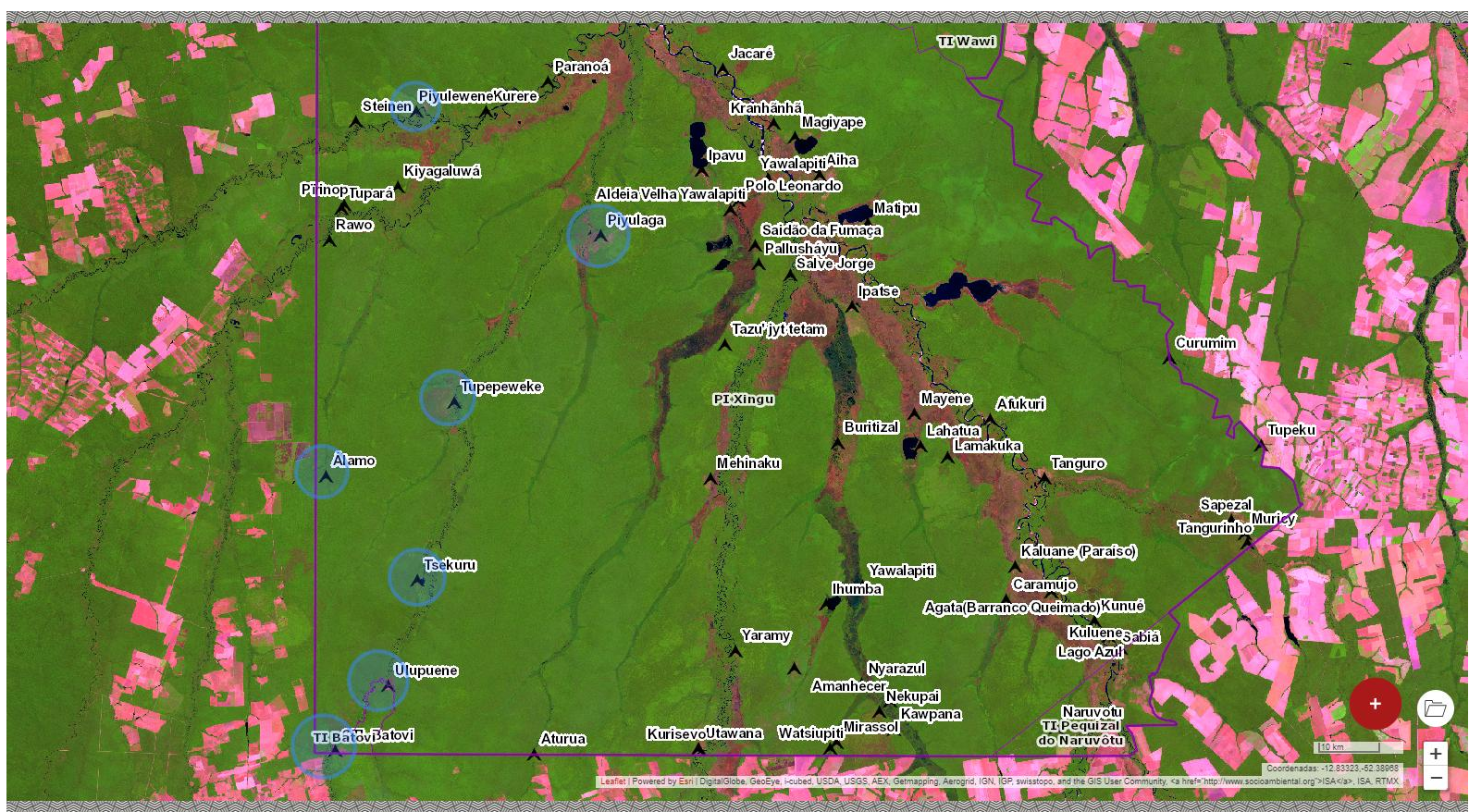
O território do povo Wauja abrange uma parte do Xingu, essa região fica localizada dentro do parque indígena do Xingu, começando pelo Rio Batovi, onde eram as primeiras aldeias dos Wauja (Barcelos Neto, 2002).

De acordo com Barcelos Neto os Wauja sempre estiveram no baixo rio Batovi como seu território tradicional, antes mesmo do contato com os não indígenas. A história do povo Wauja começou a ser registrado há muitos anos atrás, quando o etnólogo Karl von den Steinen teve seu primeiro contato com os Wauja (entre 1884 e 1887), quando soube da existência do povo Wauja naquela região a partir da informação obtida pelos Kisêdje (Suyá), que sabiam o local onde os Wauja moravam, porque faziam guerra entre os Wauja. Durante o percurso Karl von den Steinen, teve vários contatos com as antigas aldeias dos Wauja, no afluente da margem direita do Batovi. (Almanaque)

Segundo a história, não tinha o limite original do território dos Wauja, os limites eram imaginários. Delimitam seus territórios com os lugares sagrados que frequentemente visitavam, ou alguns moravam naquele lugar, assim os Wauja sabiam onde eram os limites dos seus territórios.

De acordo com Barcelos Neto (2002), os territórios dos Wauja não eram só aquela região onde estão habituados atualmente. As terras dos Wauja são de vários lugares. Atualmente os povos Wauja se dividem em quatro aldeias no território do Parque Indígena do Xingu: Aldeia Piyulewene fica situada na margem do Rio Stein, no Município de Feliz Natal-MT, aldeia Ulupuwene fica situada na Terra Indígena Batovi, que CTL - Coordenação técnica local da FUNAI, fica localizado no Município de Gaúcha do Norte; aldeia Piyulaga que é o principal, fica próximo da lagoa Piyulaga no canal da margem do Rio Batovi, também fica localizada no Município da Gaúcha do Norte. Recentemente os Wauja começaram a abrir mais aldeias nas outras regiões, para recuperar os seus territórios antigos. As aldeias atuais são Topepeweke, Tsekuru, e Álamo, todas essas pequenas aldeias, são os familiares que moram lá.

Figura 5- Mapa das aldeias dos Wauja



Fonte: Mapa, Xingu +. (adaptado por Kuhupi Waura)

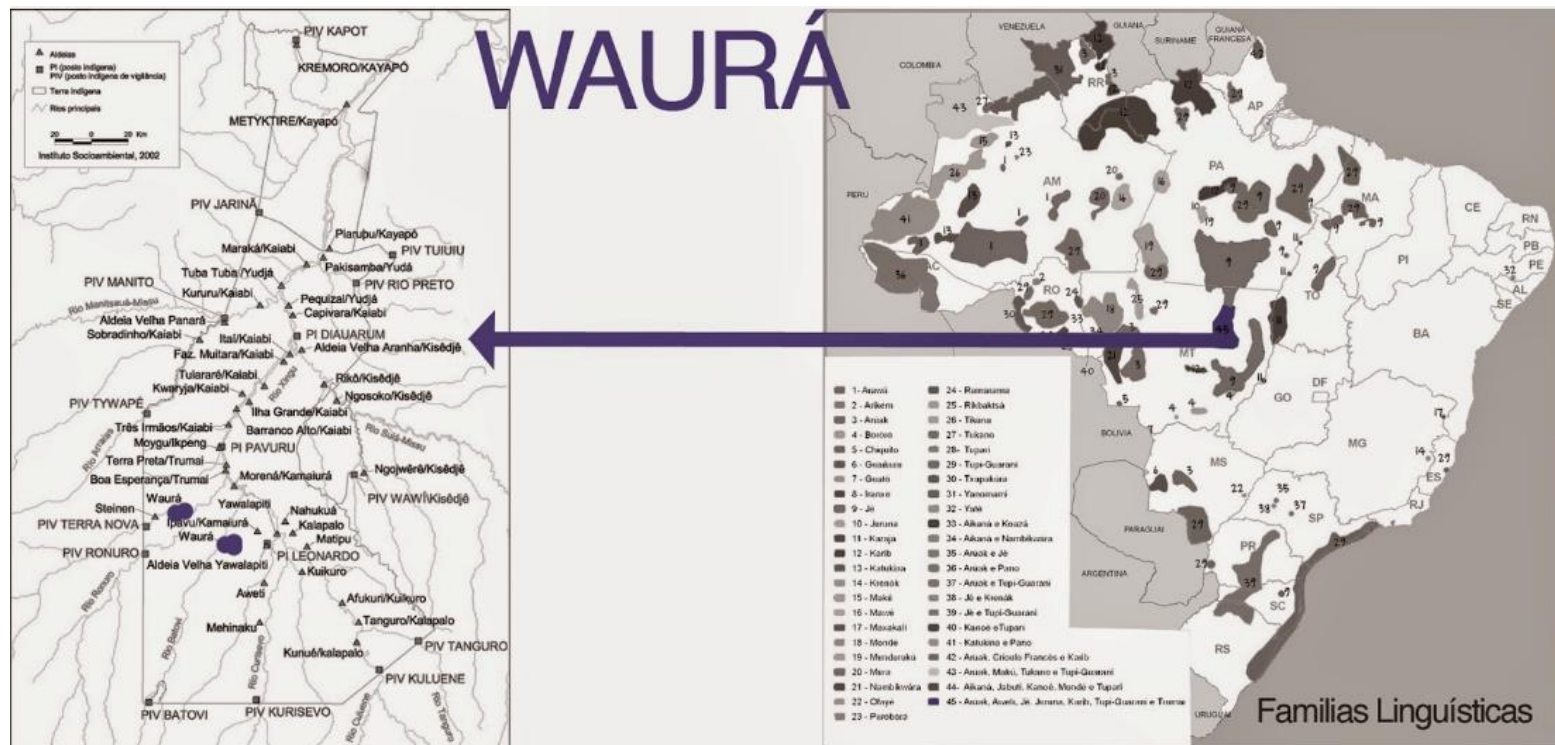
A história da territorialidade e a ocupação dos Wauja na região dos formadores do rio Xingu, principalmente Rio Batovi que foi uma das aldeias consideradas, que marca os territórios dos Wauja, e onde tudo começa os acontecimentos históricos dos Wauja naquela região. No passado os Wauja faziam frequentemente os deslocamentos por causa que naquela época tinha alguns conflitos com as outras etnias, por disputa de territorialidade. Os wauja não só deslocavam por causa desses ataques das outras etnias, naquelas épocas, mas já o primeiro contato com os não indígenas trouxe as doenças na aldeia, como sarampo, febre amarela e outras doenças. Assim os Wauja saíam para outra região, fugindo das epidemias.

Após desse histórico dos deslocamentos em várias regiões fugindo dos ataques das outras etnias e das epidemias nas aldeias, o processo de territorialização do povo Wauja se estabeleceu com a criação do Parque Indígena do Xingu em 1961.

Um dos últimos conflitos territoriais envolvendo os Wauja ocorreu no final da década de 1980 no alto Batovi em uma área entre esse e o rio Ulupuene. Neste local havia um assentamento com três casas que foram queimadas por um ataque de fazendeiros locais. Estas casas foram estrategicamente instaladas para defesa desta área no extremo sudoeste do parque e que ficará fora de sua abrangência. Após esse incidente foi demarcada a terra indígena Batoví a favor do povo Wauja (Menezes, 2001).

Portanto, alguns desses locais são de grande importância para os Wauja, que fazem parte dos seus antigos territórios, e também estão ligados à sua cultura e suas histórias. Nessa região há bastante locais que são extremamente importantes, como Kamukuwaka fica na margem do Rio Batovi, onde encontra os materiais raros, e remédios tradicionais, o lugar é sagrado. Quando o Parque Indígena do Xingu foi demarcado, essa região ficou fora do parque e hoje com grandes lutas entre os fazendeiros, os Wauja conseguiram reivindicar o lugar que é Kamukuaká, onde há várias rochas que contém os desenhos que contam as histórias, e mito que os Wauja acreditam, e faz parte das culturas dos Wauja.

Figura 6- Território Wauja



Fonte: <https://indigenasbrasilianos.blogspot.com/2014/04/waura.html>

## 2.2 História dos territórios Wauja

Antigamente os Wauja tinham seus próprios territórios marcados, antes da demarcação do Parque Indígena do Xingu. As primeiras aldeias dos Wauja, se chama Arakuru, onde tudo começou, os antepassados dos Wauja. Atualmente é aldeia do povo Kuikuro, depois se mudaram para aldeia Yamutukuri, onde atualmente o povo Kamayura moram, essa aldeia fica uma lagoa, essas regiões são os antigos territórios Wauja, fica localizado dentro Parque Indígena do Xingu.

Quando os Kamayura vieram para o Xingu, e não tinham território para ficar, foram os Wauja que os receberam em sua aldeia. Alguns anos depois, os Wauja decidiram sair daquela aldeia, por causa que os Kamuyura têm o costume de comer gente morta, os Wauja não gostaram, e se mudaram para outra região, onde atualmente os Wauja moram que uma aldeia Piyulaga central, depois tem as outras aldeias menores, onde só moram os familiares.

**Figura 7- Aldeia Piyulaga**



Fonte: Mapa, Xingu + (adaptado por Kuhupi Waura)

A aldeia Piyulaga não é do Wauja, quando os Wauja vieram nessa região, onde moram atualmente, nela estavam os outros povos que eram Mehinaku que é dono da região. Quando os Wauja vieram pescar no lago, perceberam que tinha muito peixe naquela região, e decidiram se mudar nesse lugar onde há muitos peixes. E assim expulsaram os Mehinaku daquele lugar, assim que os Wauja vieram nessa região que pertencia para a outra etnia.

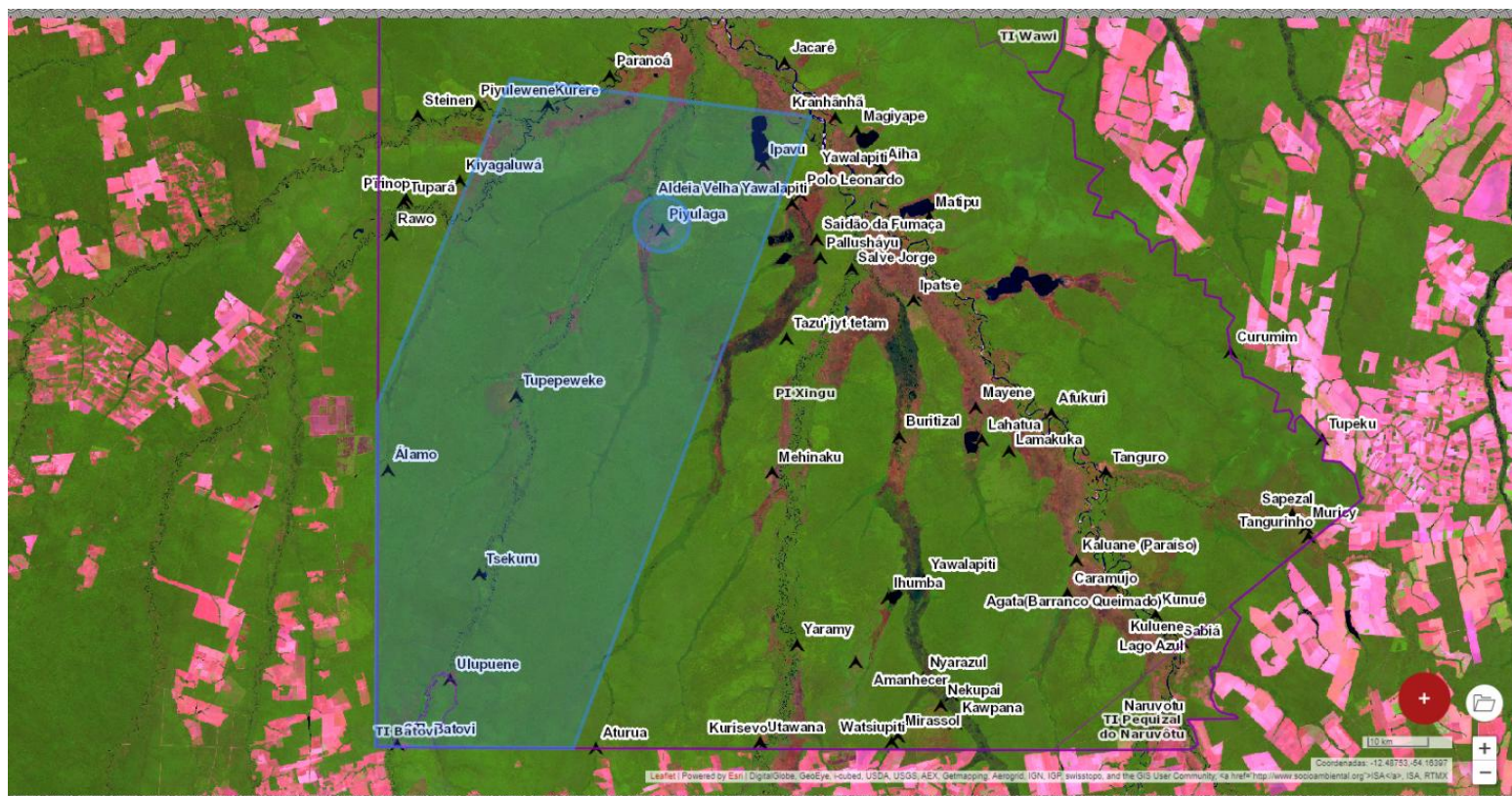
Depois dessa se mudaram para uma outra aldeia, se chama Tsariwapoho, por causa que estava acabando os peixes do lago, e foram procurar outro lugar onde tem mais comida e terra boa para fazer as plantações. Antigamente, os Wauja não tinham uma aldeia fixa em um só lugar, ele era espalhado em todo lugar, por isso que os Wauja têm várias aldeias antigas, e ocupa várias regiões do Xingu, que agora é uma terra demarcada para os 16 povos indígenas diferentes.

Antigamente os territórios do Wauja era muito grande, começando pelo Arakuru, passando pelas várias regiões até chegar na região do Batovi, por isso que os Wauja

conhecem muito bem esses lugares, e tem todos os nomes de cada lugares onde eram as antigas aldeias dos Wauja. De acordo com as histórias e cosmologias, os nomes das aldeias são dados pelos seres extra humanos relacionados com a cosmovisão que chamamos de pajé, que se comunica com os seres extra humanos.

A história da criação do lago que é Piyulaga, faz parte do surgimento dos Wauja e seus territórios tradicionais. Que algumas partes da região do Xingu, fazem parte do território dos Wauja. Como na imagem a seguir mostra os limites dos territórios dos Wauja, onde se colocavam antigamente. Buscavam os materiais na mata para construir as suas casas, e os outros tipos de materiais que são usados no cotidiano dentro da casa ou fora. Usam os materiais para fazer artesanatos.

**Figura 8- Mapa Território Wauja**



Fonte: Mapa, Xingu + (adaptado por Kuhupi Waura)

Piyulaga é nome de uma lagoa, na tradução é lugar de pescaria, na história os antepassados pescavam nesse lago a muito tempo atrás, até hoje em dia existe esse lago perto da aldeia. E se tornou um dos principais pontos que os Wauja fazem as pescarias para as comunidades, e principalmente quando as festas são realizadas na aldeia. Assim as pessoas, principalmente os donos da festa vão pescar, e oferecer para os donos que é um espírito da natureza, como forma de agradecimento.

A história desse lago surgiu através do Kuwamuto que criou a lagoa, que quando foi para a pescaria, e levou junto seu neto. Quando estavam pescando, o neto deixou derramar o pote que ele carregava junto com ele, nele havia bastantes peixes. Foi assim que surgiu a lagoa Piyulaga. Por isso que os Wauja conhecem muito bem esses territórios onde atualmente estão habituados.

### **CAPÍTULO 3**

## **LUTAS E RESISTÊNCIAS DOS POVOS INDÍGENAS PELA DEMARCAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS**

As lutas dos povos indígenas pela demarcação de terras Indígenas, já vem acontecendo há muito, quando os colonizadores chegaram ao Brasil. As lutas dos povos indígenas pelas terras, tem por objetivo de preservar os meios ambientes, também para a proteção das populações indígenas.

A demarcação de terras indígenas é essencial não apenas para a sobrevivência das culturas indígenas, mas também para a preservação ambiental, já que muitas dessas terras são ecossistemas ricos e frágeis. A luta pela demarcação é uma busca contínua por justiça, reconhecimento e respeito pelos direitos dos povos indígenas.

De acordo com o depoimento do senhor Akari Waura, desde que os portugueses invadiram o território brasileiro, os indígenas vêm sofrendo grandes impactos de invasões e pressões por parte dos governos. Os não indígenas, principalmente os fazendeiros vem sufocando os limites das terras indígenas,

Segundo o autor, traz uma reflexão sobre as lutas territoriais, movimentos atuais dos povos indígenas em espaço de política muito abrangente no sistema capitalista no momento atual que estamos vivendo. As lutas dos povos indígenas têm cada vez mais ganhando força na questão da reivindicação, e posse da demarcação de terras indígenas, e lutando pelos seus direitos, e pelas suas sobrevivências. No contexto atual, as lutas socioterritoriais sempre estarão nas mãos de políticos que discutem sobre as possibilidades de proteção das terras indígenas, e das proteções das florestas da Amazônia.

Então, as lutas dos povos Wauja, tem tudo a ver com essas questões de proteção de terras indígenas demarcadas, sempre estão atentos a essas questões, lutando pelos seus territórios, garantindo as suas identidades socioterritoriais, que é fundamental para estruturar as relações territorial e social.

De acordo com Haesbaert, os territórios têm que ser vistos como uma paisagem, e como espaço que podem ser habitados pelas comunidades locais. Para os povos indígenas, o território não é só um lugar, é uma casa, forma de sobrevivência, aquele lugar faz parte da vida dos povos indígenas.

A Amazônia vem sofrendo grande pressão dos capitalistas que têm interesses nos recursos naturais da Amazônia. As empresas veem a Amazônia como um produto que pode gerar muito capital, não é só interesses das grandes empresas, mas também é de interesses dos governos, que veem a Amazônia como objeto que pode dar mais economia.

A demarcação muitas vezes entra em conflito com interesses econômicos, como exploração de recursos naturais, agronegócio, mineração e construção de infraestrutura. A luta pela demarcação das terras indígenas é uma das principais batalhas enfrentadas pelos povos indígenas em todo o mundo. Essa luta está ligada diretamente à preservação da identidade cultural, ao acesso a recursos naturais e à garantia de condições dignas de vida para as comunidades indígenas.

**Figura 9- Manifestação em Brasília**



Fonte: Projeto analisado pela Câmara estabelece um marco temporal para a demarcação de terras indígenas no país — Foto: Brenno Carvalho/Agência O Globo

Podemos mencionar que a tese do Marco temporal que foi discutido no mundo todo, O "marco temporal" é um conceito que tem sido discutido em contextos jurídicos, especialmente no que diz respeito aos direitos territoriais dos povos indígenas no Brasil.

A ideia central do marco temporal é estabelecer uma data específica a partir da qual os direitos territoriais indígenas seriam reconhecidos. Em outras palavras, apenas as comunidades indígenas que estavam ocupando determinadas terras até essa data teriam o direito legal de reivindicar a demarcação dessas terras. Essa abordagem tem sido criticada por organizações indígenas e defensores dos direitos humanos, pois desconsidera a história de deslocamento forçado e violações de direitos que muitas comunidades indígenas sofreram ao longo dos anos.

Diante desta discussão, vamos entender como isso afeta a vida dos povos indígenas. O Marco Temporal pode trazer grandes riscos para a população indígena no Brasil, ameaçando as retiradas dos territórios indígenas que não foi demarcada antes das leis estabelecidas, isso também pode liberar as atividades ilegais dentro das terras indígenas já demarcadas. As atividades que mais prejudicam a natureza e dos povos indígenas, são a extração de madeiras, garimpos, e outras atividades ilegais.

Nos últimos anos, especialmente com o governo Bolsonaro entre (2019-2023), houve um aumento significativo no enfraquecimento das políticas de demarcação de terras indígenas, com a redução da atuação da FUNAI e o avanço de projetos de lei que alteram as regras para a demarcação de terras indígenas. Como a implementação do conceito de marco temporal, que limita a demarcação às terras que estavam sob posse indígena desde a promulgação da Constituição de 1988. Isso representou um retrocesso para as comunidades indígenas que já tinham suas terras garantido. Com essa implantação do marco temporal, houve muitas invasões às terras indígenas pelos garimpeiros, madeireiros, e outras atividade ilegais nas terras, isso deixou algumas comunidades com medo, devido a violência constante e expulsões forçadas dentro das suas terras.

Além disso, a pressão de grandes setores como agronegócio, mineração e outros grandes empreendimentos que estão em torno das regiões da Amazônia tem se intensificado a disputa pelas terras, isso tem levado a uma violência crescente contra os povos indígenas. A exploração de recursos naturais e a grilagem de terras aumentaram, afetando a integridade dos territórios e a vida dos povos indígenas, que vem sofrendo as consequências dessas ações.

## CONSIDERAÇÃO FINAL

Esta pesquisa propôs discutir a importância de fazer registro histórico do território do povo Wauja, como todo território indígenas. Diante de toda discussão do texto, podemos perceber a importância do registro das memórias dos territórios do povo Wauja, como a chegada dos colonizadores dentro das terras indígenas, como isso tem impactado na vida dos povos indígenas ao longo dos anos, até hoje em dia tem muito impactos negativos por parte dos não indígenas.

A Parque Indígena do Xingu, foi criado para proteger os povos indígenas, que as ações dos fazendeiros, e desmatamento, e ação de garimpo ilegal fora do território Xingu, é uma ameaça para os povos indígenas que vivem dentro do Xingu. Vale lembrar que não só esses ataques os indígenas sofrem, os povos originários sofrem diariamente os ataques por parte dos interesses políticos, principalmente o Marco Temporal, que tem uma ideia de tirar os direitos dos povos indígenas pela demarcação das terras.

Diante de todos esses ataques os povos indígenas continuam lutando incansavelmente pelos seus direitos territoriais, para garantir as suas subsistências, para futuras gerações, enfrentando desafios e ameaças constantes por parte dos políticos e dos fazendeiros. Apesar dessas lutas e resistência, os povos indígenas ainda sofrem grandes ataques de quaisquer formas. Os povos indígenas mantêm as suas lutas através das grandes manifestações, mobilizações e participação política, buscando garantir o reconhecimento e a proteção de seus territórios.

As ameaças à sua sobrevivência, seja por meio de projetos de exploração de recursos naturais, desmatamento ou pela violação de seus direitos, não impedem que continuem a se mobilizar, com a esperança de assegurar a preservação de suas culturas, tradições e terras para as futuras gerações. O envolvimento político é muito importante para a visibilidade das causas indígenas, e são formas de resistência frente à marginalização e ao desrespeito aos povos indígenas, a participação nas políticas são as formas fundamentais para a conquista, e reivindicar a defesa de seus direitos, e territoriais.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Almanaque Socioambiental Parque Indígena do Xingu: 50 anos / Instituto Socioambiental (ISA). São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011. ISBN 978-85-85994-84-6

AMARO, Fernanda Ribeiro. **A viagem como produção da diferença**: deslocamento e territorialidade entre povo Wauja, Alto Xingu. 2020. 228 p. Tese (doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Institutos de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, sp. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/360070>: Acesso em: 23 ago. 2021.

FRANCHETTO, Bruna. Laudo antropológico-pericial "**A comunidade indígena Waura e a Terra do Batovi**" (Ação Declaratória Processo nº 92.0013080-1). s.l: s.ed., 1995. 81 p. (Parque Indígena do Xingu).

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO; DIRETORIA DE PROTEÇÃO TERRITORIAL; COORDENAÇÃO GERAL DE MONITORAMENTO TERRITORIAL; GIZ (Orgs.). **Serviços ambientais: o papel das terras indígenas**: programa de Capacitação em proteção Territorial. – Brasília:FUNAI/GIZ, 2015.

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORREA, R. L. (Orgs.). Manifestações da cultura no espaço. Série Geografia Cultural. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1999. (p. 169-190)

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povos Indígenas no Brasil 1996/2000. São Paulo. 2001. 831 p.

LIMA, Érica F. das.; SANTOS, F. dos. A resistência do território indígena ante o avanço do capital: **Revista Campo-Território**, v. 15, n. 39 Dez., p. 162 - 179, 30 dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/RCT153910>. Acesso em: 30 ago. 2021.

LIRA, Keyte Ferreira; ROSSETTO, Onélia Carmem. Territorialidade Indígena: trajetórias para implantação de uma nova aldeia no Parque Indígena do Xingu (PIX) – Mato Grosso – Brasil. **Revista NERA**, v. 23, n. 54, p. 163-185, dossiê, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.47946/nera.v23i54.7916>. Acesso em 27 ago. 2021.

MENDONÇA, M. R; PELÁ, Márcia. **Cerrados**: perspectivas e olhares. In: Márcia Pelá, Denis Castilho (orgs.). – Goiânia: Ed. Vieira, 2010. 182 p.: il. ISBN 978-85-89779-86-9

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: FFLCH, 2007, 184p.

PORTO-GONÇALVES, Carlos, Walter. Amazônia enquanto acumulação desigual de tempos: Uma contribuição para a ecologia política da região. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 107 | 2015, 63-90. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/rccs.6018>. Acesso em: 01 set. 2021.

SILVA, Regina; Sato, Michèle. Territórios e identidades: mapeamento dos grupos sociais do Estado de Mato Grosso - Brasil. *Ambiente & Sociedade*, 2010, v. 13, n. 2, pp. 261-281. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2010000200004>. Acesso em: 23 ago. 2021.